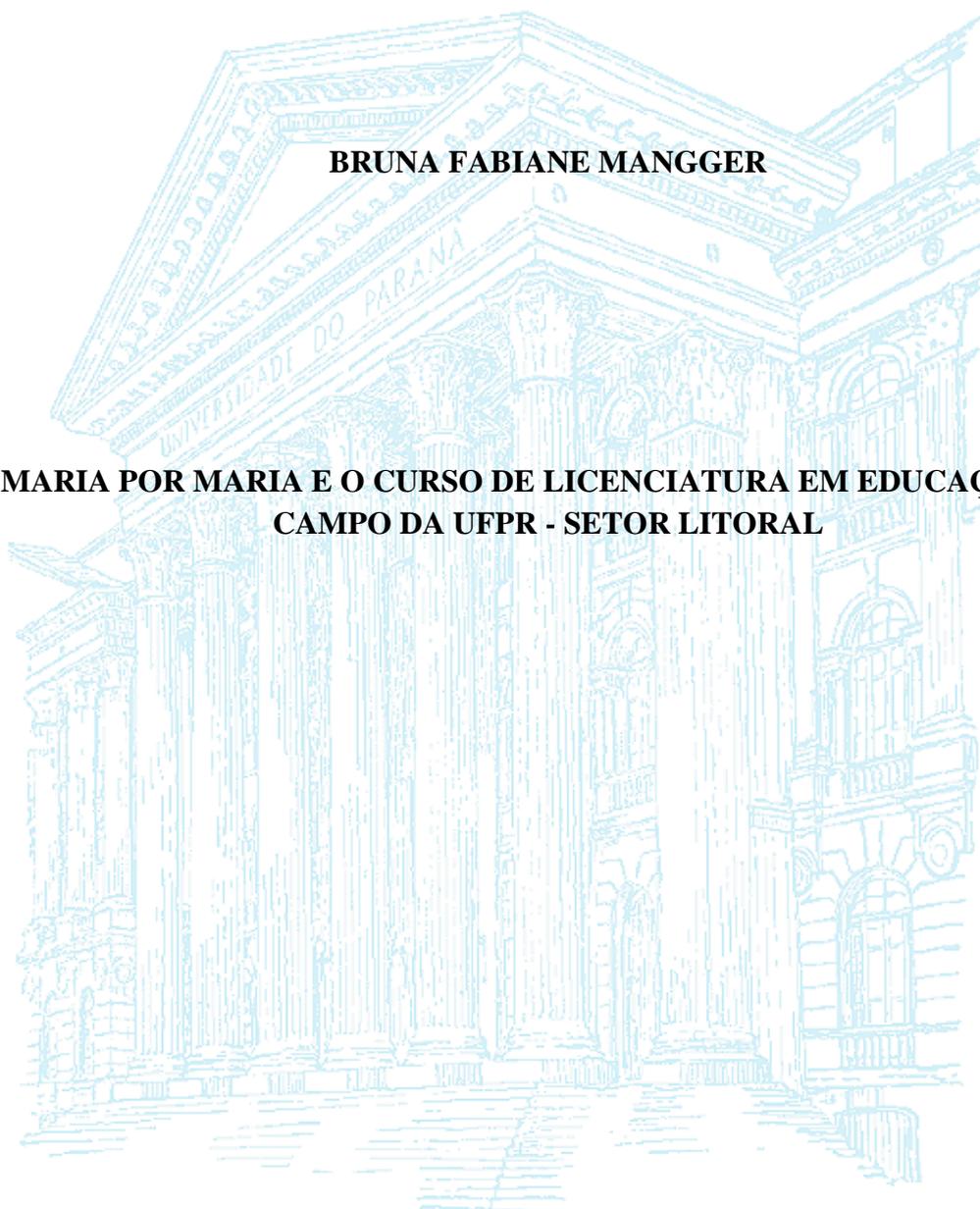


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SETOR LITORAL  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO:  
CIÊNCIAS DA NATUREZA

**BRUNA FABIANE MANGGER**

**MARIA POR MARIA E O CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO  
CAMPO DA UFPR - SETOR LITORAL**



**CURITIBA  
2022**

**BRUNA FABIANE MANGGER**

**MARIA POR MARIA E O CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO  
CAMPO DA UFPR - SETOR LITORAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Ciências da Natureza, do Setor Litoral da Universidade Federal Do Paraná.

**Orientadora:** Profa. Ândrea Francine Batista  
**Coorientador:** Roberto Gonçalves Barbosa

**CURITIBA  
2022**

# TERMO DE APROVAÇÃO

**BRUNA FABIANE MANGGER**

## **MARIA POR MARIA E O CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFPR - SETOR LITORAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao curso de Licenciatura em Educação do Campo Ciências da Natureza, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo com habilitação em Ciências da Natureza.



Prof. Dr.<sup>a</sup> Ândrea Francine Batista – Orientadora  
Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral – UFPR



Prof. Dr. Lourival de Moraes Fidelis  
Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral – UFPR



Prof. Dra. Roberto Gonçalves Barbosa  
Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral – UFPR

Matinhos, 17 de Maio de 2022.

## RESUMO

O presente artigo tem como objetivo retratar a vida e a obra da médica ativista e comunista maranhense Maria José Camargo Aragão e sua relação com o curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza do Setor Litoral da Universidade federal do Paraná, sediado em Matinhos, Paraná. Maria Aragão é homenageada pelo coletivo de professores do curso que recebe seu nome. Este é um estudo bibliográfico cujas fontes principais são o Projeto Pedagógico do Curso e a obra literária “Maria por Maria ou A Saga da Besta-Fera nos porões do cárcere e da ditadura” de Euclides Moreira Neto. As reflexões resultantes desse trabalho destacam a presença desta mulher negra, cuja coragem e força inspirou os docentes da Licenciatura em Educação do Campo e que deve ser uma referência para toda a nação brasileira.

**PALAVRAS-CHAVES:** Maria Aragão; Educação do Campo; Licenciatura em Educação do Campo.

## RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo retratar la vida y obra de la activista y médica comunista de Maranhão Maria José Camargo Aragão y su relación con la Graduación en Educación Rural - Ciencias Naturales del Sector Litoral de la Universidad Federal de Paraná, con sede en Matinhos, Paraná. Maria Aragão es homenajeada por el colectivo de profesores del curso que lleva su nombre. Se trata de un estudio bibliográfico cuyas principales fuentes son el Proyecto Pedagógico del Curso y la obra literaria “Maria por Maria ou A Saga da Besta-Fera en los sótanos de la prisión y la dictadura” de Euclides Moreira Neto. Las reflexiones resultantes de este trabajo destacan la presencia de esta mujer negra, cuyo coraje y fuerza inspiraron a los profesores de la Graduación en Educación Rural y que debe ser una referencia para toda la nación brasileña.

**PALABRAS CLAVE:** Maria Aragão; Educación Rural; Graduación en Educación Rural

## **LISTA DE TABELAS**

**Quadro 01** - Síntese dos dados das primeiras turmas LECAMPO-UFPR/Litoral .... 08

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

<b>CNBB</b>	Confederação Nacional dos Bispos do Brasil
<b>LECAMPO</b>	Licenciatura em Educação do Campo
<b>MEC</b>	Ministério de Educação e Cultura
<b>PROCAMPO</b>	Programa de Apoio às Licenciaturas em Educação do Campo
<b>PRONACAMPO</b>	Programa Nacional de Educação do Campo
<b>PRONERA</b>	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
<b>PSS</b>	Processo Seletivo Simplificado do Paraná
<b>SECADI</b>	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
<b>UFPR</b>	Universidade Federal do Paraná
<b>UNB</b>	Universidade Nacional de Brasília
<b>UNESCO</b>	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
<b>UNICEF</b>	Fundo das Nações Unidas para a Infância

## SUMÁRIO DO ARTIGO

INTRODUÇÃO .....	08
01 MINHA HISTÓRIA DE VIDA E O ENCONTRO COM A EDUCAÇÃO DO CAMPO .....	09
02 A VIDA E A LUTA DA MÉDICA MARANHENSE MARIA ARAGÃO ...	15
03 CONSIDERAÇÕES FINAIS: MARIA ARAGÃO, UMA INSPIRAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO .....	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	23

**ARTIGO****MARIA POR MARIA E O CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFPR - SETOR LITORAL*****MARIA POR MARIA Y EL CURSO DE GRADUACIÓN EN EDUCACIÓN RURAL EN LA UFPR - SECTOR COSTERO******MARIA BY MARIA AND THE LICENTIATE DEGREE IN RURAL EDUCATION AT THE FEDERAL UNIVERSITY OF PARANA – LITORAL SECTOR*****Bruna Fabiane Mangger****RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo retratar a vida e a obra da médica ativista e comunista maranhense Maria José Camargo Aragão e sua relação com o curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza do Setor Litoral da Universidade federal do Paraná, sediado em Matinhos, Paraná. Maria Aragão é homenageada pelo coletivo de professores do curso que recebe seu nome. Este é um estudo bibliográfico cujas fontes principais são o Projeto Pedagógico do Curso e a obra literária “Maria por Maria ou A Saga da Besta-Fera nos porões do cárcere e da ditadura” de Euclides Moreira Neto. As reflexões resultantes desse trabalho destacam a presença desta mulher negra, cuja coragem e força inspirou os docentes da Licenciatura em Educação do Campo e que deve ser uma referência para toda a nação brasileira.

**PALAVRAS-CHAVES:** Maria Aragão; Educação do Campo; Licenciatura em Educação do Campo.

**RESUMEN**

El presente artículo tiene como objetivo retratar la vida y obra de la activista y médica comunista de Maranhão Maria José Camargo Aragão y su relación con la Graduación en Educación Rural - Ciencias Naturales del Sector Litoral de la Universidad Federal de Paraná, con sede en Matinhos, Paraná. Maria Aragão es homenageada por el colectivo de profesores del curso que lleva su nombre. Se trata de un estudio bibliográfico cuyas principales fuentes son el Proyecto Pedagógico del Curso y la obra literaria “Maria por Maria ou A Saga da Besta-Fera en los sótanos de la prisión y la dictadura” de Euclides Moreira Neto. Las

reflexiones resultantes de este trabajo destacan la presencia de esta mujer negra, cuyo coraje y fuerza inspiraron a los profesores de la Graduación en Educación Rural y que debe ser una referencia para toda la nación brasileña.

**PALABRAS CLAVE:** Maria Aragão; Educación Rural; Graduación en Educación Rural

## **ABSTRACT**

This article aims to portray the life and work of the activist and communist doctor from Maranhão Maria José Camargo Aragão and her relationship with the Degree in Rural Education - Nature Sciences of the Coastal Sector of the Federal University of Paraná, Matinhos Town – Parana State. Maria Aragão names the collective of professors of the course that honors her. This is a bibliographic study whose main sources are the Pedagogical Project of the Course and the literary work *Maria por Maria* or *A Saga da Besta-Fera* in the cellars of the prison and dictatorship of Euclides Moreira Neto. The reflections resulting from this work bring to light this black woman, whose courage and strength inspired the teachers of LECAMPO and who should be a reference to the entire Brazilian nation.

**Keywords:** Maria Aragão; Rural Education; Degree in Rural Education – Litoral Sector/UFPR

## **INTRODUÇÃO**

O presente texto é um artigo acadêmico produzido como trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo (Lecampo) – Ciências da Natureza. Ele é fruto de uma pesquisa bibliográfica que teve por objetivo estudar a vida da maranhense Maria Aragão no intuito de contribuir para a formação de educadores e educadoras do campo na área de ciências da natureza, em especial para minha formação profissional.

O interesse pela história dessa mulher, que nomeia o coletivo de professores deste curso, se deu recentemente e aqui buscamos homenageá-la resgatando sua trajetória e destacando a importância da memória de mulheres lutadoras para o processo de formação profissional de outras mulheres que batalham dia a dia diante de tantas dificuldades para poder avançar na construção de suas carreiras.

A médica e professora brasileira Maria Jose Camargo Aragão, mais conhecida por Maria Aragão, iniciou sua carreira como pediatra, mas fazendo carreira como ginecologista, formou-se em medicina pela Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro.

Mulher de lutas e convicções, fez o enfrentamento ao conservadorismo que caracterizava sua época. Sua luta política e social nos aponta o verdadeiro sentido da transformação social, que para ela se chamava comunismo. Diante das condições sob as quais viveu, podemos considerar que Maria Aragão foi uma exceção para as mulheres de sua época. Mulher negra, pobre e nordestina, filha de analfabeta, atravessou barreiras, e abriu caminhos frutíferos para as mulheres que depois dela vieram.

Para este estudo, foi utilizada principalmente a obra de Euclides Moreira Neto “Maria por Maria ou a Saga da Besta-Fera nos porões do cárcere e da ditadura”, que em diálogo com outros autores e autoras nos proporcionou uma visão da totalidade da vida desta grande personalidade que por onde passou deixou as marcas na história de nosso país.

Ao mesmo tempo, como parte do processo metodológico, vamos relatar brevemente sobre a origem da Educação do Campo e a criação das Licenciaturas, onde me encontrei com todo o debate da luta dos povos do campo, e com a história de Maria Aragão. Também, nos propomos a apresentar uma breve história de vida da autora deste trabalho, e ao mesmo tempo destacar questões comuns vivenciadas por mulheres que se colocam na contramão de preconceitos vividos em cada época.

A luta de Maria Aragão para completar seus estudos, inspira aqueles e aquelas que enxergam um pouco de si mesmo na trajetória dessa grande mulher.

## **01. MINHA HISTÓRIA DE VIDA E O ENCONTRO COM A EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Me chamo Bruna Fabiane Mangger e vim contar um pouco sobre a minha história de vida.

Nasci em uma família humilde no interior do Paraná. Tive uma infância um pouco complicada, porém gostava muito de brincar. A roça era nossa diversão, lembro de brincar em meio ao pasto, correr atrás das vacas, subir em árvores. Meus amigos, e eu passávamos o dia brincando, eu amava tudo aquilo. Como eu era feliz...

Éramos em seis (6) irmãos, mas dois (2) morreram - eram gêmeos. Ficamos apenas em quatro (4) irmãos. Meu pai que se chama Thadeu Lourenço Mangger, é um grande homem muito trabalhador, sempre soube educar muito bem seus filhos, e mesmo com tanta humilde e dificuldades nunca nos deixou faltar nada. Minha mãe Lourdes do Carmo Cordeiro Mangger, essa mulher muito guerreira que sempre esteve ao lado do meu pai

lutando por tudo. Tenho muito orgulho dos meus pais.

Em meio a tudo isso, com dezesseis (16) anos de idade me casei e tive que assumir uma responsabilidade muito grande, terminar os estudos e trabalhar. Não foi nada fácil entrei em um relacionamento abusivo, sofri muito. Pensei que se tivesse um filho tudo aquilo mudaria, mas meu primeiro filho chegou com meus 21 anos, e infelizmente nada mudou, somente piorou. Eu sou uma pessoa muito religiosa e nunca perdia minhas esperanças em dias melhores.

Em 2014 tive a oportunidade de fazer um vestibular para o Curso de Licenciatura em Educação do Campo – Ciências da Natureza. Pela graça de Deus e por uma política pública de acesso estudantil às Instituições de Ensino Superior, eu consegui a bolsa de estudos pela UFPR Litoral. Tive muitas dificuldades durante o curso, mas com a ajuda de professores e familiares fui vencendo cada obstáculo.

Em 2017, com três (3) anos de curso consegui algumas aulas na rede pública, através do Processo Seletivo Simplificado do Paraná (PSS) no município de Curitiba. Eram aulas de Ciências, Química e Física, porém não foi possível assumir as aulas das disciplinas do Ensino Médio (Química e Física), assumi somente as aulas no Ensino Fundamental (Ciências). Me falaram que meu curso não era habilitado para tantas matérias. Passei por situações de desprezo por parte de alguns professores que já estavam nessa Escola há alguns anos. Estes diziam que não era possível um curso de Licenciatura em Ciências da Natureza habilitar para o trabalho no Ensino Fundamental (em Ciências) e no Ensino Médio nas especificidades de Química, Física, Biologia. Simplesmente me deixaram de lado, mas mesmo assim confiei no meu potencial e no que aprendi no curso com meus Educadores. Foi uma experiência muito boa, tanto pra mim quanto para meus alunos - uma satisfação muito grande pode ensinar tudo o que estava aprendendo com a Educação do Campo - Ciências da Natureza.

Essa discussão sobre a habilitação na área de conhecimento e a especificidade das aulas de Química, Física e Biologia ainda é um desafio no sentido de uma compreensão das instituições de educação escolar. Da mesma forma, ainda é um desafio em nível nacional a realização de concursos e processos seletivos simplificados para professores que levem em conta a formação por área de conhecimento, tendo em vista que os futuros egressos das diferentes licenciaturas em Educação do Campo possam assumir a especificidade das disciplinas que se desmembram no Ensino Médio. Ainda estamos enfrentando grandes lutas mas se caminharmos juntos vamos conseguir vitória.

Enquanto fazia este curso de graduação, meu casamento já não ia nada bem, e eu já

conseguia sustentar meu filho e eu mesma. Mas, um certo dia, comecei a passar mal durante as aulas e tive que me afastar por uns dias. Fui ao médico e fiz exames de sangue. Veio a comprovação que estava grávida. Naquele momento senti que o mundo desabou sobre minha cabeça, chorei muito e pensava como poderia ter mais um filho com um casamento acabado. Mas, depois de alguns dias tirei forças da onde não tinha e percebi que filhos são bençãos e não tristezas, e que não deveria ficar triste por conta disso.

Então minha filha nasceu. Eu interrompi o curso por um tempo. Quando ela completou seis (6) meses de vida me separei e fui morar na cidade grande. Nada foi fácil, ser mãe solteira e trabalhar. Eu me senti tão livre, tão solta como um passarinho fora da gaiola porque eu sofria muito dentro daquele casamento abusivo. Então tomei uma grande decisão e mudei toda a minha história.

Fui morar na cidade grande, agora com 30 anos e solteira, está sendo mais fácil trabalhar, estudar e fazer amizades. Tem muito mais oportunidades, mas ainda sinto muito a falta da roça, do ar fresco e puro do mato, das cachoeiras. As grandes amizades que fiz lá e nunca vou esquecer.

O Curso de Educação do Campo da UFPR-Setor Litoral, o qual retomei meus estudos, de certa maneira me faz reconectar com minha história na roça.

A Educação do Campo é relativamente recente na história de nosso país, e seu berço de origem é a luta pela terra, empreendida pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A concepção de Educação do Campo foi construída em meados da década de 1990, nascendo da necessidade prática da luta pela existência das Escolas no Campo, mas ao mesmo tempo baseada numa concepção de educação transformadora, libertadora a partir das experiências de Educação Popular. Nasce na contraposição da lógica da Educação Rural que desde os anos de 1930 vem associando o processo educativo aos projetos de modernização do campo, e da expulsão dos povos camponeses, quilombolas, indígenas de seus territórios. (CALDART, 2012)

Nasce a partir do I Encontro Nacional de Educadores da Reforma Agrária que ocorreu em Brasília e 1997. Uma atividade organizada pelo MST em conjunto com a Universidade Nacional de Brasília (UNB), a UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), e a CNBB (Confederação Nacional dos Bispos do Brasil). (CALDART, 2012)

Nesse sentido, a Educação do Campo está lado a lado da luta pela terra, pela Reforma Agrária, pela Soberania Alimentar, pela Agroecologia e pela transformação social. Vem

se configurando na contramão de um projeto que estimula o êxodo rural e a precarização das condições de vida de todos os povos do campo. (CALDART, 2012)

No ano seguinte (1998) foi organizada a I Conferência Nacional Por uma Educação Básica do Campo, que ocorreu no Município de Luiziania (Distrito Federal). O objetivo central dessa conferência era recolocar na agenda política do país uma educação pública e de qualidade no e do campo. Uma educação que pudesse contribuir com a emancipação dos seres humanos, que estivesse voltada à vida e a realidade do campo em toda sua diversidade e biodiversidade, que pudesse fortalecer a construção de um projeto para o campo baseado em relações de respeito e construção da dignidade. Ou seja, discutir educação do campo sem considerar as lutas por direitos conduzidas pelos povos do campo, não teria nenhum sentido. (CALDART, 2012)

A II Conferência ocorreu em 2004, e a partir dela várias políticas públicas foram ganhando centralidade. Podemos citar como exemplo os programas de formação de professores para o campo, como o PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária), o PRONACAMPO (Programa Nacional de Educação do Campo).

Os Cursos de Licenciatura em Educação do Campo são frutos dessa história. São uma nova “modalidade de graduação nas universidades públicas brasileiras [...] que tem como objetivo formar e habilitar profissionais para atuação nos anos finais do ensino fundamental e médio”. (MOLINA; SÁ, 2012, p. 466).

São cursos que ocorrem em regime de alternância, ou seja, na relação entre Tempo Escola e Tempo Comunidade, buscando articular a realidade das populações do campo e a formação para profissionais docentes. (MOLINA; SÁ, 2012)

O nascimento desses cursos de Licenciatura em Educação do Campo como política pública, ocorre a partir de 2005 quando se um grupo de trabalho junto à Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), Ministério de Educação e Cultura (MEC), que tinha por tarefa construir subsídios para a construção de uma política de formação de educadores do campo. Criou-se o Programa de Apoio às Licenciaturas em Educação do Campo (PROCAMPO). Daí, criaram-se quatro “experiências piloto” desenvolvidas na: Universidade Nacional de Brasília (UNB) com a primeira turma; Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Universidade Federal da Bahia (UFBA); e Universidade Federal de Sergipe (UFS). (MOLINA; SÁ, 2012).

Com essas experiências, foram ampliadas essas graduações a partir dos anos de 2008 e 2009 com o lançamento de editais públicos para as Instituições de Ensino Superior que gostariam de ofertar essas licenciaturas que deveriam ocorrer por área de conhecimento,

sendo elas: ciências da natureza, ciências sociais e humanas, ciências agrárias, e linguagens. A partir do ano de 2011, cerca de trinta (30) universidades ofertam a Licenciatura em Educação do Campo. (MOLINA; SÁ, 2012).

O Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Paraná (UFPR) – Setor Litoral deu início a suas atividades no ano de 2014. No Projeto Pedagógico do Curso, se contextualiza a abrangência do território ao qual tanto o setor como um todo, como o próprio curso pretende abarcar no desenvolvimento da formação de educadores e educadoras do campo:

O Setor Litoral da UFPR, instituição que abarca essa proposta, está entrelaçado aos sete municípios do litoral Paranaense (Guaratuba, Guaraqueçaba, Antonina, Morretes, Matinhos, Paranaguá, e Pontal do Paraná) que é marcado por ciclos de exploração e abandono. A população de ilhéus, povos da Floresta, ribeirinhas, caíças, pescadores, quilombolas, assentados, acampados e agricultores familiares vivem em um processo de invisibilidade social. Enfrentam dificuldades de acesso a saúde, transporte e principalmente a educação, chegar a comunidades distantes é praticamente um desafio. Além do Litoral temos também a região do Vale do Ribeira no estado do PR, possui os municípios de Adrianópolis, Bocaiúva do Sul, Cerro Azul, Doutor Ulysses, Itaperuçu, Rio Branco do Sul e Tunas do Paraná, e a maioria dos seus habitantes é considerada população do campo (UFPR, 2012, p. 4).

O projeto do curso, previa inicialmente três ingressos de 120 estudantes a cada ano, vinculado ao Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo, o PROCAMPO (UFPR, 2012). Mas, hoje é um curso com aberturas de turma regularmente a cada ano.

Conforme o Projeto Pedagógico do Curso, sua proposta está baseada na agroecologia, na defesa da construção de um novo projeto de campo, de reforma agrária e de fortalecimento da agricultura familiar. E, nesse contexto a formação de educadores a partir da proposta de Paulo Freire que defende a educação para a transformação da realidade, e o desenvolvimento da consciência crítica. (UFPR, 2012)

A proposta metodológica do curso se baseia na organização dos “tempos e espaços formativos” a partir da pedagogia da alternância e itinerância, onde o Tempo Universidade se refere às etapas de atividades de estudo a serem realizados na própria instituição ou ainda nos territórios dos sujeitos do campo, e, o Tempo Comunidade, onde se realizam estudos e atividades de pesquisa-ação ou estágio junto às comunidades das quais os estudantes fazem parte. (UFPR, 2012)

Essa metodologia é diferenciada a cada turma. Algumas ocorriam com etapas mais alongadas de Tempo Universidade (2 meses a cada semestre), outras com etapas

realizadas nos finais de semana a cada quinze dias. Essa organização diversa se deve a características específicas de cada turma. As turmas com estudantes que já atuavam em escolas necessitavam de etapas curtas em períodos não escolares. As primeiras turmas ocorreram nos seguintes territórios descritos no quadro abaixo:

**Quadro 01 – Síntese dos dados das primeiras turmas LECAMPO-UFPR/Litoral**

Ano	Turma	Sujeitos do Campo	Território abrangido
2014	Albert Einstein	Movimentos Sociais do Campo e Comunidades Tradicionais	Estado do Paraná, com integrantes de outros Estados como RO, SC, e MT
2014	Flor do Vale	Camponeses da Agricultura Familiar; Profissionais das Escolas da Rede Pública de Educação; Interessados na formação de educadores para o campo.	Vale do Ribeira – Paraná: Municípios de Cerro Azul e Doutor Ulisses – Estado do Paraná
2015	Paulo Freire	Quilombolas, Camponeses da Agricultura Familiar; Caboclos; Profissionais das Escolas da Rede Pública de Educação; Interessados na formação de educadores para o campo.	Vale do Ribeira – Paraná e São Paulo: Município de Adrianópolis (PR) e Iporanga (SP)
2015	Guará	Quilombolas; Camponeses da Agricultura Familiar; Agrofloresteiros; Profissionais das Escolas da Rede Pública de Educação; Interessados na formação de educadores para o campo.	Litoral do Paraná

Fonte: Dados coletados com professores e professoras da Lecampo (2022)

A partir das informações do quadro acima, gostaríamos de destacar duas questões. A primeira delas é a diversidade de territórios e de sujeitos abrangidos pela Licenciatura, o que fez promover vários momentos de troca de experiências sobre as lutas por direitos dos sujeitos que vivem no campo. Inclusive a luta pela educação no campo e do campo. A segunda questão se refere a um processo de nominar cada turma. Percebam que na segunda coluna, cada turma tem um nome. Esse processo de nomear as turmas ocorre durante o processo de reconhecimento da identidade da própria turma, suas características, suas histórias de vida, seus territórios.

O nome da turma que iniciei junto à Lecampo é Flor do Vale. A discussão que envolveu a construção desse nome se deve à que todos integrantes da turma viviam numa região de produção de cítricos, a partir da agricultura familiar.

Nesse processo de construção de nomes das turmas, o coletivo de professores da Lecampo, composto por 15 integrantes também discutiu um nome. O nome homenageado é Maria Aragão, a personagem que fazemos referência nesse trabalho. A indicação deste nome ocorreu a partir construção da identidade desse coletivo a partir dos seguintes critérios: a referência às lutas populares na história de nosso país; a luta pela da educação popular, que vai além da educação escolar; a memória de lutadores e lutadoras.

Assim como a Licenciatura em Educação do Campo tem um grito de ordem, ou uma consigna, cada turma tem a sua, e o coletivo de professores também.

A consigna da Lecampo é: Educação do Campo: direito nosso, dever do Estado, compromisso da Comunidade!

A consigna da turma que participei é “Flor do Vale em construção, buscando uma nova educação!”

A consigna do coletivo de professores da Lecampo é: Marias, Marias, Maria Aragão: na luta por justiça, saúde e educação! Percebemos que essa consigna faz referência ao papel das mulheres nas lutas por direitos, e também que a luta por educação não caminha isoladamente, ela se encontra articulada com outros temas na busca da transformação social.

E é por isso, que homenageamos Maria Aragão nesse trabalho. Percebemos que sua história, sua experiência de vida e suas lutas podem contribuir muito para a formação de educadores e educadoras do campo, e em especial para minha própria formação. Por ser uma mulher de origem humilde, que passou por muitas batalhas para se formar, me identifiquei com essa história.

## **02. A VIDA E A LUTA DA MÉDICA MARANHENSE MARIA ARAGÃO**

*“Maria Aragão sonhou que era pão cada estrela do céu,  
e nunca mais faltou constelação para aquele  
que estende o chapéu [...]”*

*(Musica Maria Aragão, 1989, de José Henrique Pinheiro Escrete)*

Maria José Camargo Aragão, nasceu em 10 de fevereiro de 1910. Como dizia sua mãe, nasceu num dia de folia de carnaval. Nasceu no interior do estado do Maranhão, onde é

hoje o “município de Pindaré-Mirim”, e que se chamava “Engenho Central”. Segundo relatos, o Engenho Central “era um engenho de cana de açúcar dos mais importantes de todo o Nordeste”. (MOREIRA NETO, 2015, p. 27-28).

Seu pai, Emilio Aragão, negro, trabalhava como “guarda-fios”, era o encarregado de zelar pela comunicação telegráfica, arrumando os fios. Frequentemente, seu pai “era transferido de uma cidade para outra”, o que fez com que Maria Aragão pudesse conhecer quase todo o Estado do Maranhão. (MOREIRA NETO, 2015, p. 29)

Um homem simpático e bem humorado, era filho de uma negra africana que foi escravizada e trazida à força para o Brasil. Ela vinha de um lugar da África chamado Cabinda.

Sua mãe, Rosa Camargo Aragão, era negra descendente de escravizados vindos da África. Teve sete filhos. Tinha um temperamento difícil, mas era uma mulher que se preocupava muito com o futuro dos filhos. Ela queria que Maria Aragão fosse professora para que ele não passasse fome mais. (MOREIRA NETO, 2015, p. 30-34)

Segundo Maria Aragão, “havia dias que a gente não tinha realmente o que comer. Nada, nada, nada [...]”. A mãe sempre dizia que a fome só iria desaparecer quando cada todos seus filhos estudassem. De uma família pobre, foram para o município de São Luiz do Maranhão para estudar. Na escola, enquanto seus colegas merendavam, Maria não tinha lanche e então ficava na sala estudando os mapas de geografia na parede. (MARIA ARAGÃO, 2017)

Então Maria Aragão fez o curso primário, fez o exame de admissão para ser professora. Nessa época todas as mulheres estudavam para ser professora, mas Maria queria ser médica. A discriminação com as mulheres era tão grande que não dava o direito para que as mulheres pudessem fazer o vestibular para um curso superior. Na época, o “normal” e o “ginasial” tinham programas diferenciados, e quando surgiu o chamado Artigo 91 que dava possibilidade de completar em dois anos o ginásial, como um supletivo, Maria o concluiu. (MARIA ARAGÃO, 2017)

No desejo de ser médica, ela se espelhou no médico maranhense Tarquínio Lopes, “de um espírito revolucionário que não cobrava as consultas” para as populações mais pobres. (MOREIRA NETO, 2015, p. 36). Ela achava isso muito bonito e por isso queria ser médica. Queria ajudar outras pessoas, porque ver outras pessoas passando fome e outras necessidades, doía muito nela.

Era muito jovem quando se mudou para o Rio de Janeiro para estudar medicina e trabalhar como professora dando aulas particulares para sobreviver nesta cidade. Entre os anos de

1935 e 1942, bem no período que ocorria a Ditadura de Getúlio Vargas, fez o curso de medicina. No curso, a grande maioria eram homens. Eram poucas as Mulheres. (MARIA ARAGÃO, 2017).

Em um momento, engravidou e teve que fazer um aborto pois passava muita fome e estava desidratada. Ela teve que interromper o curso e voltar para o maranhão até se recuperar. (MOREIRA NETO, 2015, p. 53-54).

Ao se recuperar, e era mesmo fome que ela passava, Aragão ligou para a sua amiga Maria Neves, e foi morar com ela para ajudar a cuidar de um doente. Como ela dizia, “Éramos grandes amigas, aí eu respirei com esse convite, pois eu tinha que sair do hotel e eu iria ficar na casa dela, portanto eu não ia mais gastar dinheiro com hotel, eu ia poder estudar”. (MOREIRA NETO, 2015, p. 56).

Neste período ela conheceu um amigo e engravidou novamente. Ninguém queria que ela tivesse esse filho, porque poderia “atrapalhar seus estudos”. Mesmo assim ela decidiu ter a criança. Trabalhava como enfermeira, acompanhando a ala infantil. (MOREIRA NETO, 2015, p. 61-63). Em março de 1940 ela tem uma filha. O nome dela, Clarice. Quando já estava no último ano da faculdade houve uma epidemia de disenteria bacilar na cidade. Muitas crianças morreram, inclusive sua filha. Na época não havia tratamento, o que hoje em dia já é comum. Com essa morte, dizia Maria Aragão, que tinha travado e não conseguia mais com crianças. (MARIA ARAGÃO, 2017).

Com essa situação, começou a trabalhar no Hospital Miguel Couto no Rio de Janeiro com ginecologia, atuando junto às pessoas da periferia. Começou a se interessar cada vez mais pelos problemas da pobreza, da fome, miséria, da falta de assistência. (MARIA ARAGÃO, 2017).

Atuava também como professora, ensinando português para estrangeiros. Foi convidada a participar de trabalhos políticos junto à “Mochel”. Conheceu comunistas que estavam nesses trabalhos, mas nem sabia o que era comunismo, mas queria muito compreender o que era, pois ela via que eles eram oprimidos e Maria gostava de ajudar os oprimidos. (MOREIRA NETO, 2015, p. 71-72).

Foi para o Acre em 1945 para participar de alguns trabalhos, e foi convidada para participar de um comício, uma ação de luta para exigir a soltura de presos políticos. Ela sobre a anistia. Não sabia muito bem o que era a anistia e para que servia. (MOREIRA NETO, 2015, p. 74-76)

Certa vez, ainda no ano de 1945, participou de um comício no Campo do Vasco onde participava Luiz Carlos Prestes, que na época era secretário geral do Partido Comunista

Brasileiro (PCB). Teve empatia pelos ideais. Prestes tinha acabado de sair da prisão. Maria ficava admirada porque ele havia sido preso porque era comunista e se afirmava publicamente que era comunista. Ela se perguntava “Mas que diabo é ser comunista”? Ela pensava que isso deveria ser uma coisa muito séria e que estava relacionado aos interesses do povo. (MARIA ARAGÃO, 2017).

Aragão, ao conhecer Prestes, pensava que ele era um homem especial, pois “não é importante pra ele a vida dele e sim a vida do povo”. Se tratava da guerra contra o nazismo. E ela queria muito trabalhar com essa liderança, queria saber o “que era ser comunista” (MOREIRA NETO, 2015, p. 77-78)

Maria então entra para o PCB e retorna para o Maranhão para atuar na direção do partido. Neste estado, em 1944 havia sido negado um decreto que permitia a livre associação de trabalhadores rurais para que pudessem lutar pelos mesmos direitos dos trabalhadores urbanos. (MARIA ARAGÃO, 2017).

No Maranhão, criaram um jornal chamado a Tribuna do Povo, que tinha pouca gente para trabalhar. A própria Maria acaba assumindo tarefas de diretora, redatora e secretária na execução do jornal. Faziam muitas conversas com trabalhadores para levantar situações de abuso aos direitos trabalhistas. Atuou nesse jornal entre 1945 e 1962. (MARIA ARAGÃO, 2017).

Atuava também fazendo médica ginecologista atendendo em Postos de Saúde localizados na periferia da cidade de São Luiz, onde discutia a sexualidade feminina, a preocupação com o cuidado nas relações na higiene pessoal. Discutia a condição de ser mulher com suas pacientes, o que na época era uma afronta à sociedade. (MARIA ARAGÃO, 2017).

Atuou também na organização da Associação de Trabalhadores Agrícolas no Maranhão, e enfrentou a grande oligarquia de latifundiários na época. (MARIA ARAGÃO, 2017).

Em 05 de outubro de 1951, bem no dia do aniversário de seu marido, Alfredo, ela foi presa pela primeira vez. Afirma Maria que “eu tinha sido avisada de que eu não devia ir à rua, porque queriam me prender. A polícia ia me segurar na rua e eu não devia ir à rua. Da polícia mandaram me avisar isso, porque eu tinha amigos dentro da polícia”. Mas acabou indo participar de uma greve convocada nesse período. No último dia da greve, chegou “um homem e parou um carro na porta, pedindo que eu fosse ver um cliente”. Ela afirmava que não podia sair, mas a pessoa insistiu quer a pessoa era uma cliente e estava precisando dela. Então Maria falou que ia vê-lo. Em suas palavras ela relata como foi esse processo: “Pego o aparelho de pressão e tal, e quando eu vou abrindo a porta (tinha um

portão assim faz gestos) quando eu vou abrindo a porta, de trás do carro, sai uma porrada de homens e me agarram, me socam no carro”. (MOREIRA NETO, 2015, p. 91-93)

O Delegado falou que ela havia sido presa por “tocar fogo na cidade”, mas ela negava e dizia que ele mesmo mandava o exército fazer isso. Ela passou 80 dias presa. Queria condená-la, mas não encontraram nenhum motivo. Aragão adoeceu do intestino e pediu um médico. Foi mandada para o Hospital Geral, pois estava muito ruim. Luiz Carlos Prestes, analisando que já estava há muitos dias presa, enviou um advogado chamado Mario Chermom. (MOREIRA NETO, 2015, p. 93-95)

Durante seu julgamento, o juiz arquivou o processo. Ela foi liberada e naquele dia almoçou junto ao seu marido. A sentença dizia que nenhum crime havia sido cometido, e “que dizer-se comunista ou ser comunista, era um programa de ideia, que por isso não tinha cometido crime”. Após essa prisão, a clínica dela cresceu muito, pois o povo passou a admirá-la cada vez mais. Ela dizia “amor com amor se paga”. (MOREIRA NETO, 2015, p. 99-100).

Pouco tempo depois sua mãe, veio a falecer. Por seus trabalhos, por sua atitude transgressora, Maria era chamada pelo clero da cidade de prostituta e de besta fera, pois “soltava fogo pelo nariz”, e que o apocalipse já havia falado da existência da “besta fera”, e que ela devorava crianças e que as pessoas deveriam colocar uma cruz preta na porta para evitar que Maria entrasse em suas casas. (MOREIRA NETO, 2015, p. 123)

Nesse período o partido estava passando por “algumas crises” e tinha se enfraquecido bastante. Então ela saiu do Maranhão e foi para a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). (MOREIRA NETO, 2015, p. 178). Ficou um ano e meio, entre 1961-1962, vivenciando a experiência socialista neste país e ficou admirada com as condições que foram criadas para a população. Ao retornar ao Brasil continuou sua militância no PCB. Foi presa mais duas vezes, em 1973 e 1978). (MARIA ARAGÃO, 2017).

Em 1970 foi uma das fundadoras da Liga de Combate ao Câncer e também trabalhou na Fundação Antônio Jorge Dino entre os anos de 1980 e 1990, uma organização especialista no tratamento de câncer. Participou em 1979 da greve da meia passagem e atuou na circulação do Jornal Voz Operária que circulou no Maranhão nos anos 1970, um dos fatos que contribuiu para sua prisão. (RIBEIRO, *et all*, 2018)

No início da década de 1980, ela se aproximou do Partido Democrático Trabalhista (PDT) e do Partido dos Trabalhadores (PT), mas não se filiou a nenhum outro partido político. Entre os anos de 1983 e 1991 integrou a direção da Central Única dos Trabalhadores (CUT) no Estado do Maranhão. Participou do sindicato dos médicos, e foi uma das

organizadoras de uma greve dos profissionais de saúde que ocorreu em 1984 em São Luiz com duração de quatorze (14) dias. Uma greve que teve repercussão nacional. (RIBEIRO, *et all*, 2018)

Ainda nos anos 1980, atuou no Grupo de Mulheres Oito de Março, que fazia palestras e promovia debates sobre a questão da saúde e dos problemas sociais na periferia de São Luiz. (RIBEIRO, *et all*, 2018)

Aragão faleceu em São Luiz no dia 23 de junho de 1991. E ainda na década de 1990, Maria Prestes Ribeiro, viúva de Luiz Carlos Prestes, e o deputado federal pelo PT, Haroldo Sabóia organizaram um projeto para articular a Praça e o Memorial Maria Aragão. Este memorial é administrado pela Fundação Municipal de Cultura, ligada à prefeitura de São Luiz, Maranhão. Tanto a praça como o memorial foram projetados por Oscar Niemayer, outro militante comunista, e inaugurados respectivamente em 1994 e 2001. (RIBEIRO, *et all*, 2018)

As batalhas que Maria Aragão enfrentou em sua época questionou as várias faces da sociedade dominante. Desde a questão da opressão da mulher, como das várias formas de opressão do povo trabalhador, fossem eles operários, camponeses, trabalhadores da saúde, entre outros. Uma história inspiradora que precisa ser visibilizada durante o processo de formação de educadores e educadoras do campo, tendo em vista que quando falamos em educação do campo, estamos nos referindo à luta pelos direitos em geral, pelos direitos humanos, pela vida digna das pessoas que vivem no e do campo, por uma educação pública e de qualidade para toda a população.

Sua história carrega um pouco da história dessas lutas no Brasil, e conhece-la melhor nos ajuda a compreender a dimensão educativa que existe na organização popular e na luta. Falar em educação popular e a educação do campo é também dar visibilidade a essas dimensões educativas para além do espaço escolar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS: MARIA ARAGÃO, UMA INSPIRAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Maria Aragão trabalhou em prol de políticas que pudessem efetivamente mudar a vida da população pobre, principalmente do estado do Maranhão. (RIBEIRO, *et all*, 2018). Atuou grande parte de sua vida dentro do Partido Comunista Brasileiro (PCB), mas também atuou no Partido Democrático Trabalhista (PDT), e no Partido dos Trabalhadores (PT).

Ela fez um importante trabalho com as mulheres de sua época, orientando e provocando discussões sobre a condição da mulher, dando orientações e mostrando seu valor. Ela na prática, estabeleceu várias ações que problematizavam a importância de debater gênero e fortalecer a luta da mulher dentro da luta pelas transformações necessárias nesta sociedade. A luta da mulher significa um desafio a mais nesse processo de mudança.

Maria nunca desistiu de lutar pela equidade e pela justiça social. Dedicou-se incansavelmente à causa social, atuando na organização popular, na produção de jornais que discutissem os problemas do povo, na busca de uma saúde digna à população, no combate à fome, e no enfrentamento às oligarquias agrárias em seu estado.

O protagonismo de Maria Aragão nessas lutas, deu frutos importantes e fez com que muitas mulheres transformassem suas vidas, onde elas fossem escritoras da própria história. Num país onde mulheres negras pobres passam por um triplo processo de invisibilização e opressão, por suas vidas são atravessadas por problemas históricos na formação social do Brasil: a questão racial, a questão de gênero e a questão de classe social.

Aragão é uma referência nas lutas populares no estado do Maranhão, uma das personalidades femininas nas lutas populares mais expressivas de nosso país.

Consideramos que conhecer a trajetória de Maria Aragão no processo de formação de educadores e educadoras do campo é fundamental para o conhecimento da história de nosso país, para a compreensão da essência da educação popular. E isso dialoga com o todo da Educação do Campo, pois como afirmamos anteriormente, o tema do acesso à educação para os povos do campo, não pode ser visto isoladamente. Está articulado à uma série de direitos que foram negados historicamente para essa população.

Conhecer sua história também é fundamental para animar a atuação das mulheres na busca de seus sonhos. Ela batalhou muito para terminar um curso universitário, e viveu na pele todas as dificuldades possíveis. Nesse sentido, me identifiquei com sua persistência na busca de realização de um curso universitário. Passei por muitas dificuldades como a busca de autonomia financeira e as situações de abuso numa relação de casamento. São dificuldades diferentes das que Maria Aragão passou, mas são dificuldades que vão nos colocando à prova a cada momento na busca de realização dos próprios sonhos.

Superar essas dificuldades, me fez chegar até aqui. Não foi fácil trabalhar e ser mãe solteira, mas ao mesmo tempo me senti livre quando tomei as decisões que mudaram minha história. Mais oportunidades apareceram trabalhando na cidade grande, e me

fizeram viver outras dimensões da vida, inclusive novas amizades. Porém, não posso negar, sinto falta da roça, do ar fresco e puro do mato, das cachoeiras – de um campo que atualmente sofre com políticas governamentais que favorecem sua destruição, como o caso do desmatamento, da destruição da biodiversidade, e da expulsão dos povos camponeses, dos povos indígenas, quilombolas e ribeirinhos.

Que a Educação do Campo possa seguir em sua longa jornada no fortalecimento desses povos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Emílio. **Uma subversiva no fio da história**. São Luís: Vias de Fato, 2016.

CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.) **Dicionário da Educação do Campo**. RJ/SP: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012.

MARIA ARAGÃO e a Organização Popular. Direção de Ana Carolina Soares. Produção de Aicó Culturas; Editora Expressão Popular; Escola Nacional Florestan Fernandes. São Paulo: Distribuidora Editora Expressão Popular, 2017. DVD (51:59min). Disponível em: [https://youtu.be/\\_x0q1A6HiPw](https://youtu.be/_x0q1A6HiPw) Acesso em março de 2022.

MOLINA, Monica Castagna; SÁ, Laís Mourão. Licenciatura em Educação do Campo. *In*: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.) **Dicionário da Educação do Campo**. RJ/SP: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012.

MOREIRA NETO, Euclides. **Maria por Maria ou A Saga da Besta-Fera nos porões do cárcere e da ditadura**. São Luís: Engenho, 2015.

RIBEIRO, Elisandra Cantanhede; RIBEIRO, Elizania Cantanhede; SILVA, José Jonas Borges da. Maria Aragão: mulher negra de lutas. *In*: **Kwanissa**. v.1, n.1. São Luís: Kwanissa, jan/jun de 2018. p.41-55.

UFPR. Setor Litoral. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação do Campo**. Matinhos: UFPR, 2012